



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GUILHERME LINS CAVALCANTE

**LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM A GINÁSTICA CIRCENSE NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO 2**

ARAPIRACA
2023

GUILHERME LINS CAVALCANTE

LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM A GINÁSTICA CIRCENSE NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO 2

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas – *Campus Arapiraca*, como exigência
para obtenção de graduação de Licenciatura
em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Barbosa Giudicelli.

ARAPIRACA

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus Arapiraca* - BSCA

- C3771 Cavalcante, Guilherme Lins
Limites e possibilidades do trato com a ginástica circense nas aulas de educação física: um relato de experiência do estágio supervisionado 2 / Guilherme Lins Cavalcante. – Arapiraca, 2023.
25 f.: il.
- Orientador: Prof. Dr. Bruno Barbosa Giudicelli.
Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo científico – (Licenciatura em Educação Física).
- Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).
Referências: f. 20-21
Apêndices: f. 22-25
1. Ginástica circense 2. Abordagem crítico-superadora 3. Educação física escolar I. Giudicelli, Bruno Barbosa II. Título.

CDU 796

Bibliotecária responsável: Gerlane Costa Silva de Farias
CRB - 4 / 1802

Guilherme Lins Cavalcante

LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM A GINÁSTICA CIRCENSE NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO 2

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Educação Física da Universidade
Federal de Alagoas - *Campus* Arapiraca, como
requisito para obtenção do grau de Licenciado
em Educação Física.

Data de Aprovação: 17/10/2023

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO BARBOSA GIUDICELLI**
Data: 23/01/2024 15:59:00-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Barbosa Giudicelli
Universidade Federal de Alagoas – UFAL – *Campus* Arapiraca
(Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **VANNINA DE OLIVEIRA ASSIS**
Data: 11/01/2024 12:02:57-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Ma. Vannina de Oliveira Assis
Universidade Federal de Alagoas – UFAL – *Campus* Arapiraca
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 **PETRA SCHNEIDER LIMA DOS SANTOS**
Data: 11/01/2024 08:22:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Ma. Petra Schneider Lima dos Santos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL – *Campus* Arapiraca
(Examinadora)

LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRATO COM A GINÁSTICA CIRCENSE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO 2

LIMITS AND POSSIBILITIES OF DEALING WITH CIRCUS GYMNASTICS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: AN EXPERIENCE REPORT OF THE SUPERVISED INTERNSHIP 2

Guilherme Lins Cavalcante¹
Bruno Barbosa Giudicelli²

RESUMO: O presente estudo é resultado das experiências de intervenções durante o Estágio Supervisionado 2 (1º segmento) no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que teve como objetivo investigar os limites e possibilidades com o trato da ginástica circense nas aulas de Educação Física em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede pública de Arapiraca. Para a coleta de dados, e a organização das informações para esse estudo, foi utilizado o método de sistematização de experiências de Holliday (2006) e para a análise dos dados coletados foi utilizado o método de análise interpretativa e descritiva de Lakatos e Marconi (2003). Como resultados, encontramos limitações na carência de materiais, ausência do professor de Educação Física e a falta de espaço físico adequado. Contudo, encontramos como possibilidades com o trato da ginástica circense, a elaboração de materiais alternativos e a participação de outro profissional convidado para auxiliar no conteúdo desenvolvido.

Palavras-chave: ginástica circense; abordagem crítico-superadora; educação física escolar.

ABSTRACT: The present study is the result of the experiences of interventions during the Supervised Internship 2 (1st segment) in the course of Degree in Physical Education of the Federal University of Alagoas, *Campus Arapiraca*. This is a qualitative study that aimed to investigate the limits and possibilities with the treatment of circus gymnastics in Physical Education classes in a class of the 3rd year of Elementary School I, from a public school in Arapiraca. For data collection, and the organization of information for this study, the method of systematization of experiences of Holliday (2006) was used and for the analysis of the collected data the method of interpretative and descriptive analysis of Lakatos and Marconi (2003) was used. As results, we found limitations in the lack of materials, absence of the Physical Education teacher and the lack of adequate physical space. However, we found as possibilities with the treatment of circus gymnastics, the elaboration of alternative materials and the participation of another professional invited to assist in the content developed.

¹ Graduando em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas /UFAL-Arapiraca. E-mail: guilherme.cavalcante@arapiraca.ufal.br

² Professor Doutor do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca. E-mail: bruno.giudicelli@arapiraca.ufal.br

Keywords: circus gymnastics; critical approach-overcoming; school physical education.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado de uma pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado 2, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas, a partir de uma experiência de intervenção com o trato da ginástica circense com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, da rede pública, na cidade de Arapiraca – Alagoas, entre os meses de agosto e setembro, do ano de 2018.

O Estágio Supervisionado³ é componente curricular obrigatório do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* Arapiraca, com o objetivo de propiciar aos futuros professores as diversas vivências durante o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, na busca da reflexão dessas vivências a proporcionar novas alternativas da prática educativa (UFAL, 2018).

Com promulgação da LDB 9394/96 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Física torna-se componente curricular obrigatório da Educação Básica, usufruindo de um conhecimento próprio e podendo ser tematizado, sendo integrada à proposta pedagógica da escola (Brasil, 1996).

No âmbito escolar, compete à Educação Física tematizar o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta, que são atividades corporais expressivas, estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992).

Diante disso, a Abordagem Pedagógica da Educação Física, Crítico-Superadora que tem como objeto de estudo a Cultura Corporal, proporciona segundo o Coletivo de Autores (1992) desenvolver uma reflexão pedagógica sobre a produção histórica e cultural manifestada através da linguagem corporal: o jogo, a dança, a luta, o esporte, a ginástica, malabarismo, contorcionismo, dentre outras expressões que remetam a simbologias vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. “[...] os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade” (Coletivo de Autores, 1992, p. 42).

Tratar desse sentido/significado engloba a compreensão das relações de interdependência que os temas da cultura corporal o jogo, a luta, o esporte, a ginástica e a dança, têm relação com os problemas sócio-políticos atuais como: papéis sexuais, ecologia, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, distribuição de renda, entre outros. É válida a reflexão acerca dessas problemáticas para que os(as) estudantes possam entender a realidade social

³ Para o Curso de Educação Física o Estágio é dotado uma carga horária de 400 horas, divididas nos quatro níveis, sendo eles: Educação Infantil (Estágio Supervisionado 1 – 100h), Ensino Fundamental I (Estágio Supervisionado 2 – 100h), Ensino fundamental II (Estágio Supervisionado 3 – 100h), Ensino Médio (Estágio Supervisionado 4 – 100h), sendo realizado em escolas de Educação Básica a partir do início da segunda metade do curso (UFAL, 2018). É válido destacar que dentre todas as licenciaturas da UFAL, apenas o curso de Educação Física realiza a intervenção desde o Estágio Supervisionado 1.

interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses (Coletivo de Autores, 1992). Sendo assim, “[...] Defendemos para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais” (Coletivo de Autores, 1992, p.42).

Diante do exposto, a ginástica circense nas aulas de Educação física, se faz legítima na proporção em que possibilita ao(a) estudante a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais. Desse modo:

Sua prática é necessária na medida em que a tradição histórica do mundo ginástico é uma oferta de ações com significado cultural para os praticantes, onde as novas formas de exercitação em confronto com as tradicionais possibilitam uma prática corporal que permite aos alunos darem sentido próprio às suas exercitações ginásticas (Coletivo de Autores, 1992, p.54).

Ainda de acordo com o Coletivo de Autores (1992) organizam-se fundamentos da ginástica⁴: saltar, equilibrar, rolar/girar, trepar e balançar/embalar. Por serem atividades que exprimem significados de ações historicamente desenvolvidas e culturalmente elaboradas, devem estar presentes em todos os ciclos em níveis crescentes de complexidade.

O interesse pela temática surgiu através da vivência na disciplina “Metodologia do Ensino da Ginástica Geral”, visto que até então a ginástica era algo distante, pois não tivemos a oportunidade de vivenciá-la enquanto estudantes da Educação Básica, e encontramos no Estágio a oportunidade de tematizar este conteúdo⁵, pois acreditamos na necessidade de romper a negação do mesmo, como observado nas experiências de Araújo *et al.* (2017) e Retz, Lima e Pelegrinni (2017).

Estes estudos relataram experiências desenvolvidas semelhantes à nossa. O trabalho de Araújo *et al.* (2017) tratou de um projeto educacional com a temática “circo” nas intervenções, onde as práticas circenses mobilizaram toda a comunidade escolar. Jovens, pais e docentes estiveram bastante empenhados durante as práticas com as atividades circenses, e a turma específica mostrou-se muito exitosa, motivada e desafiada, ao vivenciar atividades inéditas. O estudo de Retz, Lima e Pelegrinni (2017) trouxe o relato de experiência de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) com o conteúdo “circo”, o qual expõe os desafios relativos à própria inexperiência dos bolsistas em algumas temáticas, por não terem vivências anteriores. Assim, houve a necessidade de pesquisar para primeiro aprender e depois ensiná-las, mas que ressalta que foi de suma importância na formação acadêmica.

⁴ - Saltar: Desprender-se da ação da gravidade, manter-se no ar e causem machucar-se. - Equilibrar: Permanecer ou deslocar-se numa superfície limitada, vencendo a ação da gravidade. - Rolar/girar: Dar voltas sobre os eixos do próprio corpo. - Trepar: Subir em suspensão pelos braços, com ou sem ajuda das pernas, em superfícies verticais ou inclinadas. - Balançar/embalar: Impulsionar-se e dar ao corpo um movimento de "vaivém" (Coletivo de Autores, 1992, p.54-55).

⁵ Conteúdos de ensino são o conjunto de habilidades, hábitos, modos, valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagogicamente e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua vida prática. Englobam, portanto: conceitos, idéias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognoscitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudos, de trabalho e de convivência social; valores convicções, atitudes. São expressos nos programas oficiais, nos livros didáticos, nos planos de ensino e de aula, nas atitudes e convicções do professor, nos exercícios nos métodos e forma de organização do ensino (Libâneo, 2006, p.121).

De acordo com uma pesquisa realizada por Rodrigues *et al.*, (2018), que buscou analisar a BNCC⁶ para o Ensino Fundamental (1º a 9º ano) a presença ou ausência da temática circense, percebeu-se que na “unidade temática: Ginásticas”, precisamente no “objeto de conhecimento” Ginástica Geral, há uma indicação a aparelhos e práticas que podem ser associadas ao circo. O documento menciona o “trapézio e o malabarismo” como conhecimentos que se referem a Ginástica Geral, e ainda ressalta, que os mesmos podem ser associados à arte circense, porém não o são necessariamente. A análise revelou que a temática circense está ausente no referido documento e que oferece uma possibilidade pedagógica não mencionada, isto é, há aberturas para o tema do Circo.

“Sabendo que a educação física não é circo e circo não é educação física. São fenômenos diferentes, com histórias próprias e que se assemelham por alguns fatores, distinguem-se entre si por outros, porém complementam-se em sua maioria.” (Duprat, 2007, p. 15).

Diante desse contexto, esta investigação elegeu como problema de pesquisa: **quais os limites e possibilidades do trato pedagógico com a ginástica circense em aulas de Educação Física com uma turma do 3º ano do ensino fundamental I?**

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar os limites e possibilidades com o trato da ginástica circense nas aulas de Educação Física em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma Escola Pública de Arapiraca; e os objetivos específicos são: (1) apresentar a experiência com a ginástica circense; (2) avaliar os limites e possibilidades da experiência.

O estudo de natureza qualitativa foi desenvolvido em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, com aproximadamente 22 estudantes, entre meninos e meninas, na faixa etária entre 9 a 11 anos. Utilizamos para a coleta e organização dos dados o método de sistematização de experiências de Holliday (2006), sendo os instrumentos de coleta: a) planos de aula do projeto de intervenção, b) diários de campo, c) questionário autoavaliativo e d) relatório final do estágio supervisionado 2. Para a análise dos dados foi utilizado o método de análise interpretativa e descritiva de Lakatos e Marconi (2003).

1.1 O CIRCO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

No que se refere sobre a origem do circo, Gonçalves e Lavoura, (2011, p. 80) apontam que:

O circo tem suas raízes na China, lugar que há cerca de 5.000 anos, pinturas revelaram acrobatas, contorcionistas e equilibristas naquele país. Outras aparições na história nos mostram a presença do circo no Egito, na Índia, na Grécia, em Roma e, logo depois, por toda a Europa, onde famílias viajavam com o circo espalhando sua arte.

Bortoleto e Machado (2003) destacam a diferenciação entre circo e arte circense, sendo que acrobacia⁷, contorcionismo⁸, malabarismo⁹ dentre outras

⁶ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 7).

⁷ Conjunto de movimentos ou gestos que demonstram destreza e agilidade, para além de hábitos ou modelos normais.

atividades corporais que vinculam ao universo circense, são expressões humanas anteriores ao conceito de circo. Para ajudar elucidar essas definições Torres (1998, p. 16) *apud* Baroni (2006, p.84) traz que:

As artes circenses, como a dança e o canto, têm origem no sagrado, naquelas representações onde se permitia essa loucura que é a arte. Além, claro, da sua relação com as práticas esportivas. Já o circo, como nós o conhecemos – um picadeiro, lonas, mastros, trapézios, desfiles, animais exóticos e suas jaulas, isso para não citar a pipoca e o algodão doce -, é a forma moderna de antiquíssimo entretenimento de diversos povos e culturas. Mas o circo como espetáculo pago, como picadeiro onde se apresentam números de equilíbrio a cavalo e habilidades diversas, é muito recente.

Segundo Bortoleto e Machado (2003) os circos clássicos iniciais foram os anfiteatros¹⁰ permanentes, construídos nas capitais durante o século XVIII. O inglês Philip Astley, um antigo militar, foi um dos precursores deste novo modelo de espetáculo, que inaugurou por volta de 1770 em Londres, o Astley's Amphitheatre, no qual apresentava um picadeiro e uma arquibancada ao seu redor.

Era um espetáculo estável, marcado pela maestria equestre¹¹, e pelo “rigor e estrutura militar”, e que pouco a pouco, passou a incorporar saltimbancos¹², equilibristas, saltadores, dançarinas, malabaristas e o conhecido “clown” (palhaço). O espetáculo de Astley “funcionava como um quartel: os uniformes, rufar dos tambores, as vozes de comando para a execução dos números de risco” (Bortoleto; Machado, 2003, p. 46).

Em 1779, em Paris, Philip Astley começara a construir um espaço permanente de madeira e coberto, o “Real Anfiteatro Astley de Artes”, que foi inaugurado em 1782. Nesse mesmo ano “O termo *circus* foi utilizado pela primeira vez em 1782, quando um rival de Astley, Charles Hughes, abriu as portas do *Royal Circus*”. Gonçalves e Lavoura (2011, p. 80):

Rapidamente, a ideia de um local de apresentações, em que se reuniam artistas saltimbancos, e cavaleiros, expandiu-se pela Europa. Chegou aos Estados Unidos através de um artista equestre inglês, John Bill Ricketts. [...] nos Estados Unidos surgiu a ideia de passar do edifício à estrutura de lona. Estas podiam ser montadas e desmontadas facilmente permitindo a locomoção, de modo a percorrer as grandes distâncias do país. No princípio de 1820 quase todos os circos norte-americanos adotavam essa forma, e a partir de 1830, surgiram na Inglaterra (Silva, 1996, p 26).

Durante o final do século XVIII e quase todo o século XIX, os artistas circenses migraram para a América Latina e percorreram diversos países antes de passar e viver como nômades. E no final da década de 1780 começaram a chegar ao Brasil, por meio da Argentina, imigrantes intitulados circenses pelos historiadores.

⁸ Número que exige do artista extrema flexibilidade para fazer movimentos de torção do corpo, utilizando ou não aparelhos.

⁹ É uma habilidade física realizada com destreza na manipulação de objetos.

¹⁰ Espaço circular ou semicircular, com arquibancada e palco, no qual aconteciam as apresentações.

¹¹ Números realizados com cavalos.

¹² Indivíduos que exibem suas habilidades nas feiras ou na via pública.

As principais cidades a receberem as trupes estrangeiras de artistas eram Rio de Janeiro e Buenos Aires (Silva, 2007).

Silva (1996) relata em sua pesquisa, como se dava as apresentações dos artistas que migraram ao Brasil. Muitos chegavam e se apresentavam em praças públicas, porém em muitas cidades as autoridades locais não permitiam essas exhibições, pois havia relatos de acidentes entre animais e a população, desse modo, aumentavam as proibições das apresentações dos artistas ambulantes. A partir disso, buscava-se uma forma de apresentação em recinto fechado, havendo a possibilidade de cobrança para assistir ao espetáculo. Dependendo da localidade das apresentações, essa cobrança não era feita na entrada do recinto, passava-se o chapéu ou trabalhava-se em troca de comida. Logo, resolveram armar o espetáculo em local fechado, visto que de outro modo não estava sendo possível trabalhar.

As primeiras formas de apresentação em lugar fechado, são chamados de (circo tapa beco, circo de pau a pique, circo de pau fincado e o circo americano)¹³. Nos três primeiros modelos de circo, os espetáculos aconteciam no período diurno, a céu aberto pois não tinham iluminação durante à noite, sendo que, ainda no circo de pau fincado começa a surgir iluminação através de candeeiros, lampiões a gás, desse modo o circo já podia funcionar à noite, dependendo da região. Ainda no circo de pau fincado, é introduzido a cobertura com um pano de algodão, porém o mesmo posteriormente passou pelo processo para deixá-lo um pouco mais impermeável para proteger as pessoas da chuva. O modelo de circo americano só começa a ser fabricado e utilizado pelos circenses no Brasil a partir da década de 1940 e a montagem e desmontagem e o transporte torna-se eficiente em relação do circo de pau fincado. (Silva, 1996).

As formas de circo mencionadas acima eram constituídas na maioria das vezes, por famílias que repassavam os conhecimentos circenses para os demais familiares. De acordo com Costa (2015, p. 5) “há poucas décadas atrás, o único modo de aprender as artes do circo era nascer em uma família circense ou “fugir com o circo”, o único formato de transmissão dos saberes acontecia debaixo de uma lona.” O circo passou e passa por constantes transformações em seus espetáculos e na transmissão dos saberes circenses. Desse modo:

O circo novo ou Circo Contemporâneo provocou uma ruptura com o modelo familiar circense. Neste novo contexto, os sujeitos interessados no mundo circense buscam entidades responsáveis por difundir práticas sobre o circo de maneira rápida e com caráter educativo. Tal estrutura possibilita a abertura dos conhecimentos e dos saberes circenses que foram construídos e desenvolvidos ao longo dos séculos – por aqueles que viviam o circo diariamente – para pessoas que não faziam parte dessa forma de vida, de

¹³ O circo tapa beco foi a primeira forma de um recinto fechado; instalava-se em um terreno baldio, onde tinham casas umas ao lado das outras, na frente e no fundo recebia uma cortina de algodão tingida com uma tinta vermelha e no meio do terreno era colocada uma corda no formato de círculo presa através de pedações de madeira, que mantinham o espaço para que os artistas e os animais se apresentassem. Ao lado desse círculo, erguia-se um mastro de madeira e no topo era colocado um travessão formando um meio T, onde fixavam as roldanas das cordas para a execução dos números aéreos. O circo de pau a pique para ser montado, a madeira era cortada no mato, ou doada ou comprada por algum fazendeiro, depois era serrada e colocada no chão, unidas com pregos ou cordas, com um pano de algodão em volta. No circo de pau fincado, foram construídas arquibancadas, para que o público pudesse sentar. Essas acomodações não existiam nos dois modelos anteriores, nesse modelo a cobertura do circo poderia ser parcial ou total. A característica do circo americano, constitui um modelo diferente, a lona fica amarrada por estacas, sem buracos no chão para sustentar o circo, esse modelo foi elaborado nos Estados Unidos por volta de 1820. (Silva, 1996).

maneira que estes saberes podem ser aprendidos fora do circo, sobretudo na escola como conteúdo da Educação Física (Zanotto; De Souza Júnior, 2016, p.26).

A seguir, trataremos dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para a coleta de dados, e a organização das informações para esse estudo, foi utilizado o método de sistematização de experiências de Holliday (2006, p.21), que propõe a sistematização em cinco tempos: **1) O ponto de partida** - Ter participado da experiência e ter o registro das experiências. **2) As perguntas iniciais** - Para que queremos sistematizar? Que experiência(s) queremos sistematizar? Quais aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? **3) Recuperação do processo vivido** - Reconstruir a história; ordenar e classificar a informação; **4) A reflexão de fundo** - Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo. **5) Os pontos de chegada** - Formular conclusões; comunicar a aprendizagem.

Para Holliday (2006, p.21) “quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas”. Sobre as experiências, o autor ratifica que:

[...] são processos sociais dinâmicos: em permanente mudança e movimento. São também processos sociais complexos, em que se interrelacionam, de forma contraditória, um conjunto de fatores objetivos e subjetivos: as condições do contexto em que se desenvolvem; situações particulares a enfrentar-se; ações dirigidas para se conseguir determinado fim; percepções, interpretações e intenções dos diferentes sujeitos que intervêm no processo; resultados esperados e inesperados que vão surgindo; relações e reações entre os participantes (Holiday, 2006, p.21).

O presente estudo é de natureza qualitativa, baseado na experiência com o trato da ginástica circense a partir de intervenções pedagógicas do estágio. Por ser uma pesquisa qualitativa:

ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por o agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009, p. 21).

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise interpretativa que segundo Marconi e Lakatos (2003, p.168) “é importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível”. Dessa forma, os autores ressaltam dois pontos importantes: a) construção de tipos, modelos e esquemas; b) ligação com a teoria. Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p.168):

Uma atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos.

Para o desenvolvimento das atividades do Estágio Supervisionado 2, foram destinados alguns dias para encontros em sala de aula com a professora regente da disciplina, com o intuito de discutir sobre as etapas do mesmo, de como deveríamos proceder na escola, o que poderíamos observar na questão estrutural e também na observação da turma, e dias destinados para que os estagiários pudessem desenvolver as atividades de campo.

Para a execução das intervenções, a professora solicitou que duplas ou trios elaborassem um projeto de intervenção, o qual aprofundamos os estudos sobre o conteúdo que iríamos tematizar em sala de aula que era composto por: justificativa, objetivos, metodologia, avaliação, cronograma de atividades e os planos de aula. Escolhemos como conteúdo a ginástica circense, abordando elementos teóricos e práticos de alguns conteúdos do circo como: personagens do circo, malabarismo, acrobacias, equilíbrio sobre objetos.

Diante disso, o objetivo geral do Projeto de Intervenção do Estágio Supervisionado 2 foi: ampliar os conhecimentos dos(as) estudantes a respeito do circo. E como objetivos específicos: conhecer à história dos personagens do circo e aprender técnicas de movimentos presentes nos espetáculos; desenvolver a capacidade de comunicação corporal, explorando as características expressivas e criativas dos personagens das práticas circenses.

Para orientar as aulas, foi escolhida a Abordagem Pedagógica da Educação Física Crítico-Superadora, que propõe uma organização do conhecimento em quatro ciclos. Desse modo, os conteúdos são tematizados de forma simultânea, por meio de uma progressão espiralada das referências de pensamentos dos(as) estudantes, isto é, parte do conhecimento mais simples e vai sendo ampliado ao mais complexo. São eles:

O primeiro ciclo é o da identidade dos dados da realidade, que vai da pré-escola ao 4º ano. “Nele o aluno encontra-se no momento da síncrese. Tem uma visão sincrética da realidade. Os dados aparecem (são identificados) de forma difusa, misturados” (Coletivo de Autores, 1992, p.23).

O segundo ciclo é o da iniciação à sistematização do conhecimento e vai do 5º até o 7º ano. “Neste ciclo o aluno vai adquirindo consciência da sua atividade mental, suas possibilidades de abstração, confronta os dados realidade com as representações do pensamento sobre eles” (Coletivo de Autores, 1992, p.23).

O terceiro ciclo é o da ampliação da sistematização do conteúdo, que vai do 8º ao 9º ano. Nele o(a) estudante amplia as referências conceituais do seu pensamento. “ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de que uma operação mental exige a reconstituição dessa mesma operação na sua imaginação para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade” (Coletivo de Autores, 1992, p.23).

O quarto ciclo é o do aprofundamento da sistematização do conhecimento, e se dá no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. “Nele o aluno adquire uma relação especial com o objeto, que lhe permite refletir sobre ele. [...] O aluno começa a perceber, compreender e explicar que há propriedades comuns e regulares nos objetos” (Coletivo de Autores, 1992, p.23).

Embasados em Saviani (2008), utilizamos o método da práxis social para a estruturação dos planos de aula, que possui cinco momentos, sendo o primeiro a **prática social inicial**, ou **diagnóstico**, onde foram identificados os conhecimentos prévios dos(as) estudantes acerca dos temas trabalhados, seguido pela **problematização**, nesse momento discutimos sobre as dificuldades e os conflitos presentes na sociedade, realizando indagações aos(às) estudantes de como

solucioná-los ou melhorá-los a partir do conhecimento inicial da turma, acerca do conteúdo trabalhado, e em seguida se deu a **instrumentalização** de elementos teóricos e práticos para a solução dos problemas na prática social, no qual eram confrontados conhecimentos de senso comum com o científico, a partir da apropriação dos conhecimentos produzidos e preservados historicamente.

Chegando, assim, a **catarse**, sendo esta fase a de expressão mais elaborada da prática social. Foi nela que se deu o momento da criatividade, havendo a incorporação dos instrumentos culturais em elementos de transformação da sociedade. O momento final foi o **retorno à prática social inicial**, em que se espera uma nova síntese sobre a realidade com base em conhecimento rico de informações que fogem do mero senso comum e pouco científico que se tinha inicialmente, tornando os(as) estudantes sujeitos(as) críticos(as) da situação.

A realização dessa pesquisa se deu em uma escola da rede pública, situada na zona urbana no município de Arapiraca do Estado de Alagoas, entre os meses de agosto a setembro, do ano de 2018. As intervenções foram desenvolvidas em uma turma do 3º ano do ensino fundamental I, com aproximadamente 22 estudantes, entre meninos e meninas, na faixa etária entre 9 a 11 anos. Ao todo foram realizadas quatro intervenções, e uma de observação estrutural da escola para verificar se possuía espaços apropriados e materiais que auxiliassem nas aulas.

A escola possuía 7 salas de aula, uma direção, uma coordenação, uma secretaria, uma sala dos professores, duas dispensas, uma cozinha e dois almoxarifados, dois banheiros para os(as) estudantes e um para os professores, uma área livre coberta, uma área livre descoberta, uma sala de leitura, uma sala de informática e uma sala de atendimento educacional especializado.

A escola atendia nos níveis Educação Infantil e Fundamental I. As turmas foram definidas pelo critério da idade sendo as turmas maiores no turno da manhã, ou matutino (3º “A”, 4º “A” e 5º “A”), e as turmas menores no turno da tarde, ou vespertino (Educação Infantil, 1º “A”, 1º “B”, 2º “U”, 3º “B”, 4º “B” e 5º “B”). A instituição escolar em questão estava inserida em uma comunidade que tem como características a baixa renda familiar, desestrutura familiar na sua organização formal, baixo nível de escolarização e diversidade étnico e cultural.

Os instrumentos para a coleta de dados foram: a) planos de aula do projeto de intervenção, b) diários de campo e c) questionário autoavaliativo e d) relatório final do estágio supervisionado 2.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se como ponto de partida o período em que as intervenções foram realizadas, logo serão apresentados os dados coletados em forma de quadros, na sequência das aulas e divididos em “Conteúdo”, “Atividade proposta” e “Episódios e falas”, seguidos pelas respectivas discussões destes.

Tivemos o primeiro contato como chão da escola, com o objetivo de conhecer e registrar os espaços físicos disponíveis para a realização das futuras atividades com os(as) estudantes. Ao analisarmos a estrutura da escola, percebemos a carência dos espaços físicos e dos materiais para as intervenções de estágio. Em relação aos espaços, a escola não possuía ginásio; e aos materiais, não possuía tatames, bolas, cones, entre outros, para uma aula de Educação Física. Diante disso, foi necessário repensar algumas atividades que havíamos programado. Após os registros, solicitamos a diretora o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola

para que pudéssemos analisá-lo. Posteriormente as análises, identificamos a caracterização da instituição e de outros aspectos que serviriam para a elaboração do relatório de estágio, entretanto o PPP não teve implicância em nossa intervenção, pois não havia nenhuma menção no documento sobre a Educação Física.

Ainda pela manhã, o professor regente da turma veio conversar conosco, e se mostrou muito receptivo e feliz com a nossa chegada. Perguntou o número de intervenções que estavam destinados para o estágio, qual conteúdo estávamos propondo, explicou sobre o calendário da escola, que entraria em recesso a partir do dia 13/08/2018 e que só retornariam em 27/08/2018, número de estudantes da turma, e destacou a importância das aulas do componente curricular Educação Física serem ministradas por profissionais da área, pois não acreditava que a formação que teve seria ideal para tratar pedagogicamente e tematizar a cultura corporal.

Conversamos com o professor da turma e com a diretora que nos permitiu utilizar além da sala de aula, o pátio da escola para melhor desenvolver as atividades propostas. Tendo em vista a falta de materiais na escola, decidimos solicitar o empréstimo de alguns da Universidade, os quais foram concedidos, outros tivemos que comprar ou levar de casa, por exemplo: peças de tatame.

Fomos à escola para dar início as observações do Estágio Supervisionado 2, enquanto estávamos na escola aguardando o professor titular para acompanhá-lo até à sala, fomos surpreendidos com o convite da diretora para assumir a sala, pois o professor havia ligado avisando que não estava em condições de ministrar a aula naquele dia por motivos de saúde, conseqüentemente os(as) estudantes acabavam ficando sem aula, logo eram liberados. Como estávamos com o material preparado para as primeiras intervenções em mãos, aceitamos o desafio mesmo com um certo temor, pois ainda não tínhamos conhecido a turma. Entretanto o estágio curricular na Universidade Federal de Alagoas, também é regulamentado pela Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, a qual traz que “o estágio como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente [...]” (Brasil, 2008). Nesse contexto, fica evidente que é necessário a supervisão do professor titular durante as intervenções de estágio, visto que, ainda estávamos em processo formativo. Porém, vale destacar que o professor esteve presente em todas as outras intervenções.

A seguir, traremos o quadro 1 com a primeira intervenção que teve como conteúdo: a cultura corporal e a ginástica circense.

Quadro 1 - Intervenção 1

CONTEÚDO	ATIVIDADES PROPOSTAS	EPISÓDIOS E FALAS
A cultura corporal e a ginástica circense.	No primeiro momento foram levantadas perguntas, tais como “Quem já teve aula de Educação Física? O que se estuda em Educação Física? O que é Educação Física?” Destacando os elementos da cultura corporal no quadro. Apresentamos os personagens do circo e o acrobata recebeu ênfase, pois a pegada de mãos, uma de suas características, foi desenvolvida durante a aula. Ao término das atividades físicas, os professores entregaram aos(as) estudantes, desenhos com alguns personagens do circo. Estes(as) pintaram e nomearam e após isto, os desenhos foram expostos em um varal.	Perguntamos aos(as) estudantes o que era Educação Física e responderam que era “ jogar bola ”, “ correr ”, “ brincar ”, “ exercícios ”, “ briga ” e que não possuíam aula desta disciplina. Ao término da aula alguns(mas) estudantes perguntaram quando teriam novamente aula conosco.

Fonte: O Autor (2023).

No primeiro momento da aula, fizemos o diagnóstico do conhecimento que a turma possuía sobre Educação Física, e se tinham aula deste componente curricular. Obtivemos como respostas “exercícios”, “jogos”, “futebol”, e que não possuíam aula deste, mesmo sendo componente obrigatório na escola. Desse modo, constatamos esse fator limitante, pois de acordo com Souza Junior, (2001, p. 83):

A Educação Física em sua especificidade de conteúdos traz uma seleção de conhecimentos que organizados e sistematizados proporcionam ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura, que aliada a outros elementos dessa organização curricular visa contribuir com a formação cultural do aluno.

No entanto, pelo o que percebemos, não há professor de Educação Física para os estudantes do ensino fundamental I da rede. As aulas de educação física eram ministradas pelo professor regente.

Apresentamos aos(às) estudantes a cultura corporal como propõe o Coletivo de Autores (1992) explicando que este é o objeto de estudo que trata a Educação Física Escolar, e dentre seus elementos temos a ginástica, os jogos, os esportes, a dança e as lutas e que neles estavam alguns exemplos que eles(as) citaram como resposta. A partir dessa contextualização, destacamos o conteúdo que seria trabalhado ao longo do estágio, a Ginástica Circense. Percebemos a estranheza por parte dos(as) estudantes, pelo fato de nunca terem vivenciado esse conteúdo na escola, porém sentimos a empolgação deles(as) em conhecê-lo.

Após termos explicado o que era educação física, cultura corporal e sobre a ginástica circense, demos continuidade com as atividades. Indagamos aos estudantes se já foram ao circo, ou tiveram contato através de filmes ou programas de tv, alguns(mas) responderam que “sim” outros(as) “não”. Bortoleto e Machado (2003) afirmam que a cultura do circo não se trata de um patrimônio restrito, porém universal e que esteve e está representada em quase todas as civilizações, sociedades e culturas desde os primórdios até os dias de hoje da humanidade. Apesar desta disseminação da cultura do circo, muitos estudantes não tiveram acesso a esse conhecimento historicamente construído.

Nesse sentido, o conhecimento é tratado de forma a ser retrçado desde sua origem ou gênese, a fim de possibilitar ao aluno a visão de historicidade, permitindo-lhe compreender-se enquanto sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada (Coletivo de Autores, 1992, p. 27).

Dando sequência, iniciamos o primeiro requisito para o desenvolvimento da ginástica: a segurança, e para tal, demonstramos alguns tipos de “pegadas de mãos”, e pedimos para que eles(as) formassem duplas para realizar cada uma delas. Notamos a resistência em participar da atividade por parte de alguns(mas) estudantes, mas aos poucos eles(as) se inseriram na proposta. Esta intervenção foi realizada em sala de aula, aproveitando o tamanho amplo desta, além de não termos tantas peças de tatame para ferrar. Para isso, afastamos as carteiras no formato de círculo, possibilitando o desenvolvimento da aula.

No segundo momento introduzimos a última atividade proposta da aula, que consistiu em pintar e nomear alguns personagens do circo. A maioria dos(as) estudantes não possuíam lápis de cor, então emprestamos os nossos, pedindo para que compartilhassem entre si, e para facilitar o compartilhamento, os juntamos no centro da sala. A atividade ocorreu tranquilamente, e ao término desta, expusemos todos os desenhos numa parede da sala como pode ser visualizado nos registros fotográficos (APÊNDICE A) e encerramos as atividades daquela manhã.

Em seguida, trataremos da segunda intervenção que teve como conteúdo o fundamento da ginástica: equilibrar.

Quadro 2 - Intervenção 2

CONTEÚDO	ATIVIDADES PROPOSTAS	EPISÓDIOS E FALAS
Fundamento “Equilibrar”.	Os (As) estudantes foram indagados se sabiam o conceito de “equilibrar” e em qual dos personagens do circo este fundamento estaria mais presente. Iniciamos com o aquecimento e o alongamento e em seguida pedimos para que os(as) estudantes formassem duplas, e destacando a segurança, foram lembradas as pegadas realizadas na aula anterior. Iniciando as atividades propriamente de equilíbrio, foram realizados exercícios de contrapeso em duplas e individuais e também formando figuras acrobáticas.	Percebemos que alguns(mas) estudantes que não queriam participar do alongamento durante a aula, foram se inserindo aos poucos nas atividades, mesmo que algumas vezes tivéssemos que chamá-los(as) para realizar conosco os movimentos. A turma estava muito eufórica durante a aula, totalmente justificável pela vivência inédita até então, e isso dificultou algumas vezes a comunicação e a atenção nos estagiários, mas felizmente o professor regente estava em sala, e sempre que chamava a atenção da turma, redirecionava o foco para os estagiários.

Fonte: O Autor (2023).

No segundo encontro, ao entrar na sala, percebemos que a turma estava mais cheia: Alguns(mas) estudantes que haviam faltado na semana anterior, agora estavam presentes. Nos apresentamos novamente, e pedimos para que os que ainda não haviam se apresentado, dissessem nome e idade. Então, prosseguimos com a aula, lembrando o conteúdo visto na aula anterior (elementos da cultura corporal, personagens do circo e pegadas).

No momento seguinte, trabalhamos o fundamento da ginástica “Equilibrar” que em acordo com professor titular da turma, seria realizada em sala, para isso afastamos novamente as carteiras em círculo. Em relação aos materiais, utilizamos

dois colchonetes cedidos pela a escola e três peças de tatames trazidas pelos os estagiários. A ginástica pode ser entendida conforme o Coletivo e Autores (1992, p. 54) como “uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral”. Dessa maneira, mesmo com a falta de espaço e de materiais adequados, decidimos encarar a realidade da escola para possibilitar aos(as) estudantes o acesso ao conteúdo.

Iniciamos as atividades propriamente de equilíbrios, os exercícios de contrapeso, individuais e em duplas. Após a instrumentalização através dos exercícios de contrapeso, pudemos dar início às acrobacias coletivas, as quais foram possíveis serem vivenciadas apenas algumas delas. Foi interessante perceber que alguns(mas) estudantes que não queriam participar do alongamento, durante a aula foram se inserindo aos poucos nas atividades, mesmo que algumas vezes tivéssemos que chamá-los para realizar conosco os movimentos. Dessa maneira:

No “nosso circo” a acrobacia, o malabarismo, o trapézio, o palhaço, a corda bamba, o contorcionismo, enfim, as mais diversas formas de manifestação dessa arte, são vivenciadas a partir da escuta dos corpos brincantes que expressam medo, vergonha, angústia, ansiedade, satisfação, coragem, dificuldades e qualidades físicas e emocionais, que são mediadas para que cada um se torne sujeito atuante (Baroni, 2006, p.93).

Percebemos que na atividade sobre o fundamento “Equilibrar” os(as) estudantes não tiveram muitas dificuldades em realizar, bem como destacamos que esse fundamento estava presente no dia a dia deles(as) para atender algumas necessidades e que muitas das vezes passavam-se despercebido. Dessa forma, podemos afirmar sobre a materialidade corpórea, citando o Coletivo de Autores (1992, p. 26), que foi “historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os(as) estudantes na escola”.

A seguir, apresentaremos a terceira intervenção, a qual teve como conteúdo: equilíbrio sobre objetos.

Quadro 3 - Intervenção 3

CONTEÚDO	ATIVIDADES PROPOSTAS	EPISÓDIOS E FALAS
Equilíbrio sobre objetos.	Inicialmente questionamos aos(as) estudantes se já ouviram falar sobre o “ <i>slackline</i> ” e do “equilibrar sobre o cilindro” e em qual dos números se encaixariam no circo. Realizamos novamente alongamento e aquecimento. Feito isso, foi dado início as atividades com o “ <i>slackline</i> ”, onde os professores falaram sobre o mesmo, contextualizá-lo com a corda bamba do circo, e mostrar qual a maneira adequada de passar pela fita. No segundo momento abordamos o “equilibrar sobre o cilindro” e desenvolvemos as execuções com os(as) estudantes.	Podemos perceber que os(as) estudantes estavam bastante empolgados(as) com a atividade proposta, porém estavam um pouco receosos(as) em participar. Demos as explicações necessárias ao longo da aula e sendo assim eles(as) foram participando com entusiasmo na atividade.

Fonte: O Autor (2023).

No terceiro encontro, convidamos outro acadêmico também de educação física, visto que possuía mais experiência com o “*slackline*”, que é uma variação e evolução da corda bamba do circo, o qual já havia ofertado oficinas do mesmo na UFAL. Vale ressaltar como uma possibilidade de auxiliar e ampliar o leque de experiências nas aulas de educação física o convite de outros profissionais para ministrar oficinas sobre o conteúdo trabalhado. A realização dessa atividade se deu na parte externa da escola, que dispunha de chão de terra batida, uma passarela cimentada que ligava o portão de entrada com a secretaria da escola e árvores, que foram utilizadas como apoio para montar o “*slackline*”.

Quanto à questão do espaço, o tratamento dado ao conhecimento nessa área, articulado organicamente à organização do tempo, exige que na escola se construam espaços diferenciados das outras disciplinas. As aulas de Educação Física são ministradas exclusivamente em espaços livres: quadras, campos, terrenos e, na ausência destes, em praças e clubes situados nas imediações das escolas (Coletivo de Autores, 1992, p. 25).

Após essa contextualização, o convidado explicou a melhor forma de atravessar a fita, e então os(as) estudantes começaram a realizar a travessia, o tempo todo com a supervisão dos estagiários. Na primeira travessia, percebemos que colocavam todo o peso em nós que estávamos os auxiliando, e também estavam muito tensos, o que dificultava a travessia e acabavam escorregando da fita. Já na segunda travessia ficaram menos tensos, e também combinamos de não os segurar, apenas fornecer os dedos para que se apoiassem. Na terceira travessia, alguns já conseguiam dar alguns passos sozinhos. “É necessário levar em conta que o erro compõe o processo de aprendizagem e faz parte da construção do domínio de novos conhecimentos, habilidades e atitudes” (Coletivo de Autores, 1992, p.78).

No segundo momento da aula trabalhamos o equilíbrio sobre o cilindro. Na primeira atividade, demonstramos como subir com segurança no objeto, sempre por trás, e com qual postura se manter no mesmo. Notou-se um pouco de receio de alguns(mas) estudantes em participar, entretanto explicamos a eles(as) que estaríamos os auxiliando. Então eles(as) começaram a realizar de um a um, com a ajuda dos estagiários, com o cilindro ainda fixado.

Na segunda parte, os(as) estudantes começaram o deslocamento sobre o cilindro com a ajuda dos dois estagiários, segurando o braço de cada um. Repetimos mais uma vez essa atividade. Na terceira parte, os(as) estudantes continuaram com o deslocamento, mas agora com a ajuda de um único professor, dando apoio apenas de um único lado. A partir dessas atividades desenvolvidas que até então foram inéditas para os(as) estudantes e em concordância com Gonzales (2017, p.168) que ressalta o trato pedagógico dado ao conteúdo circense, o qual:

[...] brinda à Educação Física com a oportunidade de ampliar o leque de práticas oferecidas nas escolas e em outros espaços onde o corpo e seus movimentos são protagonistas, renovando esta disciplina e revitalizando o campo da expressão corporal e, por conseguinte, da educação estética, artística, comunicativa e corporal de nossos alunos.

Finalizamos a aula com uma roda de conversa para sabermos a compreensão e apreensão dos(as) estudantes acerca das atividades desenvolvidas naquela manhã.

No quadro a seguir, apresentaremos a última intervenção:

Quadro 4 - Intervenção 4

CONTEÚDO	ATIVIDADES PROPOSTAS	EPISÓDIOS E FALAS
Equilíbrio de objetos: Malabares com lenços.	Cada estudante recebeu lenços e ao longo da aula fizemos variações, ampliando o grau de complexidade. Ao término da aula aplicamos um questionário de autoavaliação, que abordava todas as aulas realizadas. Através de figuras com expressões faciais, eles(as) marcaram com um X como se sentiram em cada aula executada.	Sendo a primeira aproximação com a atividade, eles(as) ficaram ansiosos para realizar, visto que antes fora demonstrado pelos estagiários. Alguns(mas) relataram que “estava muito fácil”, porém à medida que fomos pondo algumas dificuldades na execução, alguns(mas) sentiram dificuldade. Dissemos que era normal ter essa dificuldade e disponibilizamos que eles(as) levassem os lenços para casa e praticar. Tivemos que dar assistência para alguns(mas) estudantes nas respostas da autoavaliação.

Fonte: O Autor (2023).

No primeiro momento desta última intervenção, relembremos tudo o que havíamos estudado desde a primeira aula: a cultura corporal e seus elementos, os personagens do circo e suas características, as pegadas, exercícios de contrapeso e acrobacias e o equilíbrio sobre objetos, que podem ser visualizados nos registros fotográficos no (APÊNDICE A) conversando um pouco sobre cada uma das atividades feitas, e perguntamos em quais delas sentiram mais dificuldade, mais se divertiram. Após a conversa, exibimos um pequeno vídeo onde foram mostrados a maioria dos personagens do circo, e suas performances.

Utilizamos lenços de tule como material alternativo para a execução dos malabares. De acordo com Duprat e Bortoleto (2007, p.181):

Pode-se realizar malabarismos com qualquer tipo de objeto que permita ser agarrado e cujo peso e tamanho não impeça sua manipulação. É possível usar objetos de pouca tradição (sapatos, bolas de meia etc.); obviamente existem medidas e materiais que facilitam esse processo. Porém, existem materiais específicos desenvolvidos e aperfeiçoados ao longo dos tempos para essa prática, que podem ser adaptados ao ambiente escolar: lenços ou panos: existem diferentes medidas e texturas, mas sua característica comum é o maior tempo de permanência no ar durante lançamento.

Auxiliamos os(as) estudantes como confeccionar seus lenços a partir do tule, destacando a medida (30cmx30cm) e a forma de cortá-lo. Cada estudante ficou com três lenços e em seguida, pedimos para que se organizassem em círculo para começar as atividades. Iniciamos a realizar os exercícios educativos para que os(as) estudantes se familiarizassem com o material.

Em seguida foram estimulados a brincar jogando-o para cima, batendo uma palma e segurando-o, depois duas, três palmas, e novamente segurando-o, e por último, o máximo de palmas que conseguir até segurá-lo. Fizemos variações, dificultando aos poucos essa atividade ao longo da aula. Explicamos para eles(as) que não era fácil conseguir na primeira aproximação desenvolver o malabar perfeitamente, no entanto dissemos que poderiam ficar com o material para treinar em casa e assim aperfeiçoarem-se, pois a aprendizagem ocorre com sucessivas aproximações (Coletivo de Autores, 1992). Percebeu-se que nessa atividade não

houve resistência dos(as) estudantes em participar e sim uma empolgação deles(as).

Como supracitado, antes de encerrarmos a aula, foi aplicado um questionário de autoavaliação que pode ser visualizado no (APÊNDICE B), o qual propôs uma avaliação de todas as atividades realizadas. Através de emojis com expressões faciais os(as) estudantes iriam marcar um x de como se sentiram na participação de cada atividade durante o estágio. Infelizmente, metade da turma havia faltado o que dificultou um pouco ter um maior *feedback* dos questionários, que teve um total de dez respondidos. Entretanto, a partir das respostas, notou-se que a maioria dos(as) estudantes se sentiram alegres porque gostaram e conseguiram realizar todas as atividades e apenas dois estudantes se sentiram tristes por não realizarem completamente a atividade de malabares com lenços. Para o Coletivo de Autores (1992, p. 74):

A proposta de avaliação do processo de ensino-aprendizagem da Educação Física deve, portanto, levar em conta a observação, análise e conceituação de elementos que compõem a totalidade da conduta humana e que se expressam no desenvolvimento de atividades.

Após finalizarmos nossa aula, distribuímos narizes de palhaço para toda a turma e nesse meio alguns(mas) estudantes pediram para que “continuássemos indo pois estariam gostando muito das aulas”.

Em síntese, destacamos no quadro a seguir os limites e possibilidades encontrados na experiência.

Quadro 5 - Limites e Possibilidades

LIMITES	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de professor de Educação física; • Carência de materiais; • Limitações na estrutura física da escola.
POSSIBILIDADES	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de material alternativo; • Adaptações em outros espaços físicos da escola para as intervenções; • Participação de outros profissionais para auxiliar em alguns conteúdos.

Fonte: O Autor (2023).

4 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos, constataram-se os limites e as possibilidades do trato pedagógico com o conteúdo Ginástica circense a partir das intervenções de estágio supervisionado 2. A falta de professor de Educação física no ensino fundamental I resultou na problemática acerca do conhecimento dos(as) estudantes sobre este componente curricular, além disso a carência de materiais e a falta de espaço físico adequados para a realização das atividades revelou a falta de investimento do setor público para oferecer uma infraestrutura capaz de atender as necessidades da escola, ressaltando a Educação Física Escolar.

Para superar os fatores limitantes encontrados, utilizamos a produção de materiais alternativos, que possibilitou a vivência e a ampliação do conhecimento dos(as) estudantes a respeito do conteúdo trabalhado. Desse modo, a utilização de materiais não convencionais nas aulas “não impede, de forma alguma, que o professor continue mostrando a importância e necessidade do material tradicional e lutando pela sua aquisição” (Ayoub, 2004, p.98). A participação de outro profissional para auxiliar na intervenção e as adaptações dos espaços físicos na escola apontaram possibilidades de somar e permitir novas experiências nas aulas do professor com o trato do conteúdo.

Pudemos perceber a apropriação do conteúdo pelos(as) estudantes em todas as etapas das intervenções, por atingir os objetivos planejados, e o método da práxis (Saviani, 2008) possibilitou essa apropriação, ao passo que os(as) estudantes partiram do conhecimento que já possuíam, ou seja, um conhecimento sincrético, ao conhecimento mais elaborado, criando novas sínteses a respeito deste conteúdo. Tivemos a participação de toda a turma nas atividades, até mesmo aqueles(as) que mostravam resistência no início que ao incentivá-los, foi possível obter uma participação mais ativa durante as aulas.

Este estudo visa contribuir também com as posteriores produções de pesquisa acerca da ginástica circense, destacando as possibilidades encontradas com o trato desse conteúdo na Educação Física provocando uma reflexão da futura atuação docente, desde a seleção do conteúdo, planejamento e a superação das dificuldades no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Leandro de Melo; et. al. É dia de Picadeiro na Escola: experiência pedagógica em práticas circenses. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20, 2017, Goiânia. Anais [...]. Porto Alegre: 2017. Disponível em: http://cbce.org.br/upload/files/ANAIS_COMPLETO.pdf. Acesso em: 05 nov. 2020.

AYOUB, Eliana. A ginástica geral no contexto escolar. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>.

BRASIL. **Lei nº11.788 de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT [...]. Brasília: Presidência da República, [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 04 set. 2023.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, G. de A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência, Santo André**, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Hélio Gonçalves. **O circo social**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, 2007.

GONÇALVES LL, LAVOURA TN. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva históricocrítica. **R. bras. Ci. e Mov** 2011;19(4):77-88.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. Revista. *Brasília: MMA*, 2006, 128.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. Didática. São Paulo: Cortez. 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. de S.(org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

ONTAÑÓN, Teresa; DUPRAT, Rodrigo; BORTOLETO, Marco A. Educação física e atividades circenses:“O estado da arte”. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012.

RETZ, Renato Pereira Coimbra; DE LIMA, Daniel Gomes; PELEGRINI, Roberto Passos. Experiências Formativas com as Atividades Circenses nas Aulas de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE, 20, 2017, Goiânia. Anais [...]. Porto Alegre: 2017. Disponível em: http://cbce.org.br/upload/files/ANAIS_COMPLETO.pdf. Acesso em: 05 nov. 2020.

SANTOS RODRIGUES, G.; CARDANI, L. T.; ONTAÑÓN BARRAGÁN, T. A presença (ou ausência) da temática circense nos PCNs e na BNCC para a disciplina curricular de Educação Física. Em MAC Bortoleto y E. Silva (Org.). **Caderno de resumos do IV Seminário Internacional de Circo. inovação e criatividade**, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: História e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, E. **O circo: sua arte e seus saberes**. O circo no Brasil no final do século XIX a meados do XX. 1996,172f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1996.

SILVA, E. **Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Altana ,2007.

SOUZA JÚNIOR, Marcilio Barbosa Mendonça de. O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física escolar. In.: CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (org.). Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção. V.1. Vitória: PROTEORIA, p. 81-92. 2001.

UFAL. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física Licenciatura**. Arapiraca: Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca, 2018.

ZANOTTO, Luana; DE SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. **Atividades circenses na Educação Física: transformando a escola em picadeiro**. **Corpoconsciência**, p. 23-32, 2016.

APÊNDICE A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Figura 1 - Intervenção 1



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 2 - Intervenção 2



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 3 - Intervenção 2.1



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 4 - Intervenção 3



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 5 - Intervenção 3.1



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Figura 6 - Intervenção 4



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO AUTOAVALIATIVO

Questionário Autoavaliativo

Nome: _____



Alegre, porque gostou da atividade e conseguiu realizá-la.



Desapontado, pois aconteceu algum problema na aula com relacionamento entre colegas ou com o professor, sofreu preconceito ou foi discriminado.



Triste, porque não gostou da atividade e não conseguiu realizá-la.



Em dúvida, pois gostou da atividade, mas não conseguiu realizá-la ou teve muita dificuldade e precisou de ajuda; não entendeu o conteúdo.

ATIVIDADES				
Pegadas				
Equilíbrios individuais				
Equilíbrios em grupo				
Corda-bamba (Slackline)				
Cilindro				
Malabares (Lenços)				